

DEOCLÉCIO LIMA DE SIQUEIRA: SUA VIDA E SUA OBRA

Idealizador do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (1916 - 1998)



O Tenente-Brigadeiro-do-Ar Deoclécio Lima de Siqueira foi uma personalidade tão multifacetada e rica em sua abrangência, que, com extrema facilidade, encontramos adjetivos laudatórios para definir a sua intensa vida militar e a trajetória brilhante percorrida durante várias décadas, no exercício da dignificante arte de comandar e de transmitir seus profícuos conhecimentos a várias gerações de brasileiros.

Não seria difícil distinguir-se entre as várias nuances de sua marcante personalidade a de maior significação. Destacava-se, entretanto, o seu devotado amor à Aeronáutica, seu acendrado patriotismo e seus inquebrantáveis dotes morais.

Ele exercia um intenso fascínio pelo simples efeito da projeção de sua personalidade magnética que irradiava um sentimento místico de dever profissional, imune às exaltações da facciosidade, pairando acima das paixões e dos seus embates, e todo ele exclusivamente voltado à grandeza da Força Aérea e ao culto da Pátria.

Examinando pormenorizadamente as diversas fases de sua vida, há de sempre reconhecer a pureza de ideais que o inspiravam, a nobreza de espírito que o animava, a ausência de desígnios secretos.

Um homem desprendido, despojado, sem apego aos bens materiais. Na realidade, um idealista, um homem que vivia exclusivamente para a sua profissão, a qual dedicava intenso amor. Ademais, era possuidor de um elevado espírito público e dotado de excelente visão global.

Há pessoas que se identificam com a História pelo desempenho extraordinário de sua missão, nas exigências de cada época. Deoclécio Lima de Siqueira foi uma delas. Militar extremamente dedicado à carreira, exímio aviador, leal companheiro, devotado patriota, combatente de primeira hora e cidadão exemplar.

À par de suas inúmeras virtudes morais e intelectuais, o inolvidável Brigadeiro tinha como paradigma de vida a transparência e a sinceridade. Porte ativo, coragem e determinação, integridade moral e honestidade, aliados a um coração terno e generoso, lhe outorgaram uma personalidade muito especial, tal qual o raro brilho de um cristal puro e radiante de luz. Realmente, uma personalidade ímpar, plasmada no amor e dedicação ao trabalho e ao estudo, embasada nos exemplos de um lar paterno bem formado.

A rapidez da evolução da tecnologia e, conseqüentemente, do avião, nas primeiras décadas do século passado, haveria de ser acompanhada por homens idealistas e deterministas, no sentido de um bom aprimoramento do uso de tão extraordinária máquina, bem como, na busca da utilização da mesma para a solução de alguns problemas nacionais.



O Tenente-Brigadeiro Deoclécio foi um daqueles homens extraordinários que marcaram os momentos gloriosos e históricos da Aviação brasileira, tendo deixado como herança a sua devoção no cumprimento do dever e a confiança num notável engrandecimento do Ministério da Aeronáutica e de uma ativa e fecunda participação da Aviação no desenvolvimento da nação brasileira.

Deoclécio Lima de Siqueira foi um desses patriotas que se destacaram pela autenticidade e, sobretudo, pela grandeza de alma. Qualidades que os tornam figuras incomparáveis – faróis balizando, nos meandros da caminhada, a direção certa na incerteza aparente da existência humana. Homens dotados de integridade de caráter e talento, aliados à longa experiência adquirida no contato com as asperezas da vida, características que lhes enriquecem o espírito, que se transborda, em busca do semelhante, proporcionando-lhe, sob variadas formas, ensinamentos, cultura e educação, em prol do desenvolvimento da Humanidade.

Um dos maiores nomes da história da Aeronáutica de nosso País, tal a sua figura majestática, a sua tenacidade e a excelsitude de suas inquebrantáveis qualidades morais. Representou o triunfo da probidade e da inteligência, da honradez e da cultura, que lhe

permitiu que olhasse de frente - com coragem e sem corar -, a vida e os homens de seu tempo. Viveu uma vida materialmente modesta, mas enriquecida pelo saber haurido ao correr de uma vida afanosa, mas feliz, que permitiu a este patriota exemplar ascender às culminâncias da vida política nacional.

O Tenente-Brigadeiro-do-Ar Deoclécio Lima de Siqueira nasceu em Jardinópolis, próximo a Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, a 21 de setembro de 1916, filho de João José de Siqueira e de Dona Hypólita Lima de Siqueira.

Foi grande defensor da Aviação brasileira, pois acreditava no seu potencial, lutando em várias áreas para o seu desenvolvimento. Caracterizou-se, na Força Aérea Brasileira, por ser um homem de idéias e pensamentos estratégicos, deixando em todos os cargos que ocupou a marca do aperfeiçoamento e da modernização.

Exerceu inúmeras e destacadas atividades no transcurso de sua brilhante trajetória na Aeronáutica, apondo-lhe sempre o timbre de uma alta probidade.

Sua vida militar teve início na Escola Militar do Realengo, em 24 de abril de 1935, data de sua praça.

Na Escola de Aviação do Exército, foi declarado aspirante-a-oficial do Exército da Arma de Aviação, na Turma de 22 de novembro de 1937. Na mesma Turma, formaram-se aspirantes o Presidente da República João Figueiredo, o Tenente-Brigadeiro-do-Ar João Camarão Telles Ribeiro e o futuro Ministro da Aeronáutica, amigo de uma vida inteira, Délio Jardim de Mattos.

Certa vez, em uma entrevista ao *“Jornal do Brasil”* em 11 de agosto de 1990, revelou que não foi vocação o que o levou à carreira de aviador:

“Eu tinha um amigo na Academia de Agulhas Negras, cujo irmão era piloto e ele vivia me contando as bravatas desse irmão. Como no segundo ano tínhamos de escolher a Arma e ele estava decidido a ser piloto também, eu fiquei contaminado por aquelas histórias e fui junto. Nunca me arrependi.”



A promoção a segundo-tenente veio em 30 de dezembro de 1938, no mesmo dia em que obteve seu Diploma Militar de Piloto, Observador e Metralhador quando na Escola de Aeronáutica Militar.

Foi imediatamente classificado para servir no Primeiro Regimento de Aviação, no Campo dos Afonsos, passando a ser responsável pelas missões do Correio Aéreo Militar.

Poucos anos depois, em 20 de janeiro de 1941, passa a integrar o efetivo do recém-criado Ministério da Aeronáutica. Continua servindo no Campo dos Afonsos, tornando-se Comandante da Esquadrilha do Correio Aéreo Nacional (CAN), nascido da fusão do Correio Aéreo Militar (CAM) e do Correio Aéreo Naval (CAN).

Nesse período teve a oportunidade de conhecer um Brasil ainda pouco desbravado. Andou por lugares que careciam de tudo, onde não se conhecia o automóvel e não se encontravam médicos ou escolas. Foram esses homens do Correio Aéreo Militar que, influenciados pela figura de Eduardo Gomes, acenderam na Força Aérea o espírito da assistência social. Ao transportar remédios, víveres, ou mesmo salvando vidas, contribuíram, sem dúvida alguma, para o bem-estar de populações isoladas.



Foi no serviço do CAM (posteriormente transformado em Correio Aéreo Nacional) que o Brigadeiro Deoclécio serviu pela primeira vez com o Brigadeiro Eduardo Gomes, exemplo de homem e militar que o influenciaria durante toda a sua carreira, após uma convivência que se prolongaria por mais de sete anos.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, Deoclécio acompanhou o Brigadeiro Eduardo Gomes a Recife, onde este era Comandante da Segunda Zona Aérea.

Em agosto de 1942, o Brasil declara guerra aos países do Eixo, tendo o Primeiro-Tenente Deoclécio participado ativamente ao cumprir, durante a Segunda Guerra Mundial, 137 missões de Patrulha Aérea Anti-Submarino, no Atlântico Sul, como integrante do 6º Regimento de Aviação e como Comandante do 1º Grupo de Bombardeio, então sediados na Base Aérea de Recife. Sobre o período lembra que:

“(...) sobrevoávamos o litoral, de Porto Alegre ao Pará, 24 horas por dia. Fizemos pelo menos dez ataques a submarinos alemães. (...) Tínhamos que patrulhar o litoral brasileiro com monomotores que não podiam se afastar muito da costa. Nessas patrulhas, muitos aviões comerciais e de aeroclubes ajudavam dando sinais da presença de embarcações inimigas.”



O pós-guerra trouxe um momento de grande crescimento para a Aviação brasileira. O Brigadeiro Deoclécio, de certa forma, acompanhou essas mudanças ao longo de sua carreira. Em todos os cargos e missões posteriores nos deparamos com seu trabalho ativo em prol deste desenvolvimento, tendo participado de diversas Comissões internacionais de consultoria aeronáutica, de atividades na área de ensino e da consolidação de políticas para a Aviação Civil e Militar.



Nesse período pertenceu ao efetivo da Comissão Brasileira de Compras, em Washington-DC, EUA (1945-1947); cursou a Escola de Guerra Naval (1954-1956); foi membro da Comissão de Construção Naval na Europa – Navio Aeródromo Ligeiro (NAeL) Minas Gerais (1957-1958); e foi Chefe do Departamento de Ensino da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica.

As promoções foram se sucedendo: capitão, em 8 de agosto de 1944; major, em 2 de outubro de 1950; tenente-coronel, em 19 de janeiro de 1953; e coronel, em 23 de outubro de 1958.



Em 22 de abril de 1965, recebeu sua promoção ao generalato (Brigadeiro) e, no mesmo ano, recebeu o convite para ser Chefe do Gabinete do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Eduardo Gomes, durante sua segunda gestão como Ministro da Aeronáutica, no Governo Castelo Branco, cargo que ocuparia até ao final da gestão ministerial, em março de 1967. Uma vez mais estava ao lado da figura de maior influência na sua carreira militar, com quem sempre teve muita identidade de pensamento. Foi durante a administração de Eduardo Gomes que foi aprovada a fabricação da aeronave Bandeirante, um projeto genuinamente nacional.



Ainda na década dos 60, em 24 de fevereiro de 1969, foi promovido a Major-Brigadeiro.

Na década de 1970, foi Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR) e Comandante do Comando Costeiro, com sede em Salvador. Kursou também a Escola Superior de Guerra (ESG), graduando-se no ano de 1972. Contudo, jamais cortou totalmente os vínculos com a ESG, sendo membro da Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra. De forma recorrente era chamado a ministrar palestras, aulas e cursos, já que era conhecido pelos seus conhecimentos de História, Estratégia e Tática Militar.

Posteriormente, foi Presidente da Comissão de Estudos Relativos à Navegação Aérea Internacional – CERNAI (1972-1973), por ocasião de sua promoção a tenente-brigadeiro (31 de março de 1973). Foi também Chefe das Delegações Brasileiras a Reuniões de Consultas Aeronáuticas: Brasil-Portugal, Brasil-Espanha (1972), Brasil-Japão, Brasil-Israel e Brasil-Países Baixos (1973).

Foi Chefe do Comando Geral de Pessoal (COMGEP), no período de 1973 a 1974. No seu discurso de posse já antevia o pensamento comum de hoje sobre as modernas técnicas de gerenciamento de recursos humanos. Apesar da principal ferramenta da Força Aérea ser o *avião*, ressalta que:

“(...) para o trabalho dessa ferramenta um elemento é essencial: o Homem. Sem ele, mesmo neste mundo da cibernética de hoje e de amanhã, pouco poderá ser feito, porque não há, nem haverá máquina que possa incorporar as possibilidades eternas e grandiosas do espírito humano.”



Foi Diretor-Geral do Departamento de Aviação Civil (DAC), de março de 1974 a outubro de 1975. Ao assumir a Direção do DAC, apontou a necessidade de sua desburocratização, descentralização e atualização. Durante a sua gestão buscou o fortalecimento da Política de Aeronáutica centralizada em um mesmo Ministério, o desenvolvimento de um espírito de planejamento com mais profundidade e o desenvolvimento de uma Política de Transporte Aéreo nacional e internacional.

Idealizou a Escola de Aperfeiçoamento e Preparação da Aeronáutica Civil (EAPAC), criou o Plano de Desenvolvimento do Sistema de Aviação Civil e implantou os Serviços Regionais de Aviação Civil (SERAC), *“pedras fundamentais da descentralização”*, que trouxeram um extraordinário desenvolvimento à Aviação Comercial brasileira.

Ao assumir a Direção-Geral do Departamento de Aviação Civil (DAC), enfrentou o desafio de fazer funcionar plenamente a INFRAERO, criada em 14 de março de 1974, pela Portaria nº 29/GM-5, a qual previa que:

“(…) será um elemento do engrandecimento da Aeronáutica, pelo reforço dos esforços que se verificará, pois, ligada ao Órgão Central do Sistema de Aviação Civil, em que se integra somar-se-ão a orientação do Estado e a capacidade de execução da empresa e assim, torna-se mais um elo que fortalecerá o nosso Poder Aeroespacial.”



Foi de sua inspiração também a implantação da Aviação Regional (3º Nível). Sendo veterano do Correio Aéreo Militar, tinha conhecimento da dificuldade para levar a determinadas áreas do País qualquer tipo de assistência, e muitas vezes foi testemunha dos graves efeitos acarretados por esta falta de comunicação. O trabalho desenvolvido nesta área teve importantes conseqüências, ao aumentar de 80 para 354 as cidades atendidas por vôos na época, democratizando o transporte aéreo, criando linhas de alimentação e integração que atendiam cidades do interior, chegando onde o transporte de superfície tinha dificuldades, e, sem dúvida, contribuindo de forma indireta para a afirmação do Bandeirante como um grande avião. Ao fim de sua gestão declarou:

“Deixo em plena fase de implantação o chamado transporte aéreo regional ou de 3º nível, como também é conhecido. Ele representa uma maior democratização do transporte aéreo no Brasil, dando às cidades menores, esse tipo de transporte, em termos mais racionais e por isso mesmo mais eficiente, mais econômico e mais garantido. Sobre ele, muito se estudou, muito se pesquisou e muito se planejou, condições de perspectivas promissoras, sobretudo, a de sua contribuição à eficiência global do Transporte Aéreo Brasileiro.”



Em 10 de dezembro de 1975, recebeu do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Paulo Sobral Ribeiro Gonçalves a Chefia do Estado-Maior da Aeronáutica durante o Ministério do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Joelson Campos de Araripe Macedo. Nesta posição se encarregou de atualizar a *“Doutrina da Força Aérea Brasileira”*, baseada na mobilidade da Força. Seu discurso na passagem de comando da Chefia do Estado-Maior da Aeronáutica, em 12 de março de 1977, é o último pronunciado na Ativa. Após mais de 42 anos de uma brilhante carreira – por toda a sua vida foi exemplo de conduta militar, constando trinta e sete elogios

individuais em sua ficha – o Tenente-Brigadeiro Deoclécio deixava o Serviço Ativo para assumir, no mesmo ano, o cargo de Ministro do Superior Tribunal Militar.

A posse no Superior Tribunal Militar foi em março de 1977, e, em agosto do mesmo ano, é o responsável pelo discurso de boas-vindas ao amigo Tenente-Brigadeiro-do-Ar Délio Jardim de Mattos, que o havia substituído anteriormente na Chefia do Estado-Maior da Aeronáutica, quando proferiu as seguintes palavras:

“No Tribunal, o universo é completamente diferente das coisas vividas anteriormente. É uma experiência nova.”

E, a seguir, enfatizou:

“(...) através do exercício das atividades de juiz e também a meditação em torno de muitos problemas, tenho compreendido mais o homem e, naturalmente, as suas possibilidades, as suas deficiências.”



Em 1984 publicou seu primeiro livro: ***“Caminhada com Eduardo Gomes”***; o segundo, ***“A Saga do Correio Aéreo Nacional”***, viria a ser editado no ano seguinte.

Estes compêndios constituem duas pérolas literárias e retratam a clarividência do autor registrando, de forma magistral, a sua intensa e múltipla atividade cultural, consagrando-o como um luminar de nossa elite literária.

Dedicou-se a divulgar a importância da tradição histórica, sendo ele próprio um excelente historiador. Não foram poucas as vezes em que, em seus discursos ao longo da carreira, referiu-se à sua fascinação pelo espírito humano, e do que seu gênio criador é capaz.

Sua carreira, segundo ele próprio dizia, foi:

“(...) uma cruzada destinada a criar a consciência pela preservação de nossa História.”

A faceta de notável historiador, aliada a uma intensa e produtiva atividade cultural, imprimindo seu selo indelével em várias iniciativas fecundas, aureolaram o seu nome de fama e de brilho.

Conferencista de estilo percuciente era admirado pela concisão de seus textos, fluência de estilo e correção de formas.

Homem de saber invulgar, o Brigadeiro Deoclécio possuía uma visão própria e peculiar da Cultura e da História, no que se refere ao seu valor estratégico, e que podemos aquilatar por meio de algumas de suas máximas:

“A História é verdade e ela não é apenas lembrar o passado, mas sim, partindo dele, olhar para o futuro.”

“A História é também um veículo de propaganda de importância singular neste século de tanta mercantilização.”

Via o século XX como o século do aço, tomado pela embriaguez da velocidade. Celebrou os heróis da Aviação brasileira e via claramente a importância estratégica de se investir na História como meio de perpetuação deste espírito criador e desbravador que tanto o fascinava.

Além da História, tinha também uma clara preocupação com a preservação e a conservação dos bens históricos.

“Muitos outros problemas nos preocupam. A vigilância em torno de nossos monumentos, hoje vítimas de toda sorte de vandalismos, é um deles.”

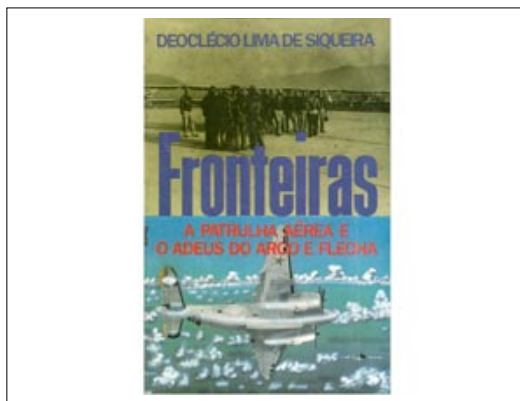


Foi o idealizador do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), idéia alimentada ao longo de sua carreira, perseguida por anos e que se concretiza com a fundação do Instituto em 1986, durante o Governo José Sarney, na gestão do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Octávio Júlio Moreira Lima, por meio do Decreto n.º 92.858 da Presidência da República, de 27 de junho de 1986. Com a criação do INCAER, o Brigadeiro Deoclécio é nomeado seu Diretor em 8 de outubro de 1986. A respeito do assunto disse certa vez:

“Há que se considerar, também, a necessidade de uma imperativa expansão de nossa influência. Por todo o campo neste imenso Brasil há e haverá sempre consciências prontas a colaborar pelas causas maiores da História e da Cultura. Uma ligação permanente com essas consciências é indispensável, pois geralmente elas são ávidas por fontes onde possam saciar sua sede de conhecimentos. Na verdade, são pólos de irradiação que necessitam de um suprimento permanente de informações, o que, no caso, é obrigação precípua deste Instituto, para que a verdade não se perca nos tortuosos caminhos da imaginação ou da ignorância, por falta de dados concretos. Para tanto, é imprescindível também uma ligação permanente com outros centros culturais, como nossos aeroclubes, nossas companhias comerciais de Aviação e as das outras nações, nossos correspondentes, etc.”



Com a implantação do Instituto pôs em prática vários projetos importantes, como o periódico *“Idéias em Destaque”* e uma das Séries da Coleção Aeronáutica denominada *“História Geral da Aeronáutica Brasileira”*, publicada pelo próprio INCAER, sendo até à data de seu falecimento Chefe da Comissão de Redação da obra.



Já no ano seguinte à criação do INCAER, publicou seu terceiro e último livro: ***“Fronteiras – A Patrulha Aérea e o Adeus ao Arco e Flecha”***.

Em 1992, tomou posse como membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



A seu pedido, foi exonerado do cargo de Diretor do INCAER, em 4 de novembro de 1992, e no dia 18 do mesmo mês entrega a direção do Instituto ao Tenente-Brigadeiro-do-Ar Octávio Júlio Moreira Lima, sem, no entanto, nunca abandonar o trabalho no INCAER. Até ao final da sua vida, além de membro da Comissão de Redação da ***“História Geral da Aeronáutica Brasileira”***, como citado anteriormente, foi membro do Conselho Superior do INCAER, onde ocupava a Cadeira nº 9, cujo Patrono é o Marechal-do-Ar Eduardo Gomes.



O Brigadeiro Deoclécio comparava constantemente os aviadores aos poetas e aos artistas. Com os primeiros, porque desde cedo aprendem ***“a saborear o prenúncio das madrugadas”***; e, com os últimos, ***“por dividirem o espírito inovador da modernidade”***. Como historiador, humanista e oriundo da chamada Aviação Romântica, não poderia ser diferente. Foi visionário e homem de ação, buscou explorar e desenvolver ao máximo as potencialidades da Força Aérea Brasileira. Foi um dos responsáveis por conduzir a Aviação brasileira de sua era romântica para o futuro de integração e tecnologia.

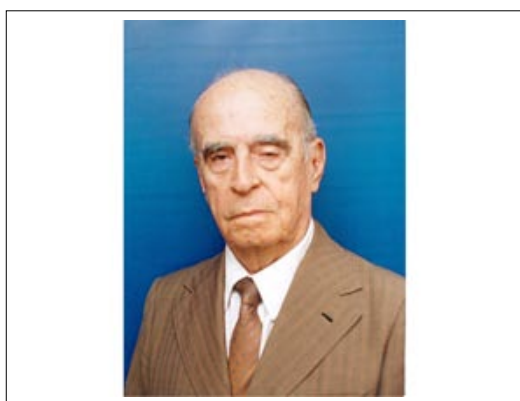
Para ele a tecnologia tinha papel preponderante na questão da soberania, e, por esse motivo, ele afirmava:

“(…) há muito mais poder militar no país que tem mais independência tecnológica.”

E por isso mesmo durante toda a sua carreira defendeu a importância do investimento nessa área, dando apoio ao desenvolvimento do Centro Técnico Aeroespacial, bem como da Indústria Aeronáutica brasileira. Sempre destacou a importância do elemento humano acima de tudo, e via claramente a importância de sua valorização, de seu passado de lutas e conquistas, de seu espírito, suas tradições, sua História.

Suas realizações abrangem os mais variados campos, todos complementares, a seu ver, destacando-se principalmente suas importantes ações para integração nacional – com seu trabalho no Departamento de Aviação Civil – e seu compromisso com a tradição histórica, na criação do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica.

Além disso, comandou forças operacionais em várias manobras da FAB, oferecendo sua visão superior do Poder Aéreo. Pensador e analista, estrategista por excelência, deixou, além de seus livros, escritos fundamentais para a História da Aviação e da Aeronáutica brasileira, tais como a *“Análise da Batalha Aeronaval de Midway”*.



Deoclécio Lima de Siqueira simboliza o triunfo da probidade e da inteligência, da honradez e da cultura, de uma vida materialmente modesta mas enriquecida pelo saber haurido no transcorrer de uma existência afanosa, mas feliz, que permitiu a esta excepcional personalidade ascender às culminâncias da vida cultural.

O Tenente-Brigadeiro Deoclécio faleceu no Hospital de Força Aérea do Galeão, em 23 de março de 1998. Perdia a Aeronáutica, assim, um militar de invulgar capacidade, intelectual respeitado, cidadão completo e democrata por atitudes. O Brigadeiro Deoclécio pertenceu à geração de aviadores dos anos 30 que assistiu à passagem do pioneirismo dos vôos para a Aviação romântica, participou no Serviço Ativo de sua transmutação para o profissionalismo e, nos últimos anos, vivenciou ainda a era espacial e a cibernética aplicada às coisas do ar. Viveu os primórdios da criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941, e foi defensor do Poder Aéreo integrado, assim como da precípua missão da Força Aérea no controle do espaço aéreo.



Poucos meses após o seu falecimento, em 3 de junho de 1998, foi aprovada a sua indicação a Patrono do INCAER, inaugurando mais uma Cadeira, a de número 18.

Serviu à sua querida Aeronáutica com o olhar de um resoluto estadista e o coração de um jovem Tenente. Soube escolher a hora de ser Cidadão e de ser Soldado, tendo a coragem de uni-los em um só, quando a têmpera da realidade prevaleceu sobre vontades e opiniões que não percebiam os desafios e as incongruências de um mundo em mudança.

Por tudo isso, esse notável Cidadão-Soldado é Patrono do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. Não só por seus feitos heróicos, que figuram entre os mais gloriosos das armas brasileiras. Não apenas por sua influência na sociedade de sua época, ao contribuir enfaticamente para a educação política do povo brasileiro.

Refazendo os passos de sua brilhante trajetória, reaprendemos que a arte e a ciência da guerra são pequenos demais para conter a magnitude da contribuição da Força Aérea Brasileira para com o País. Revivendo os ideais e as convicções de nosso inolvidável Brigadeiro, alimentamos nossa certeza no aprimoramento da Instituição.

O Brasil deve ao Brigadeiro Deoclécio o reconhecimento pela dedicação, competência e patriotismo que demonstrou, de modo contumaz, durante toda a sua extraordinária carreira, sem medir esforços para elevar e honrar a imagem de nosso País no cenário internacional. Um nome querido e respeitado, uma reserva moral, um patrimônio de inteireza e caráter e um exemplo edificante para brasileiros de todas as épocas.



Estamos certos de que Deoclécio Lima de Siqueira morreu tranquilo quanto ao julgamento de seus concidadãos. A Pátria saberá honrá-lo, quando a perspectiva do tempo permitir uma avaliação mais exata de sua obra e um conhecimento perfeito de sua pureza de intenções.

À época de seu desenlace, sentimos e compartilhamos com seus entes queridos e legião de amigos a amargura deste momento inexorável da existência humana, última parte do desenrolar de uma vida em que o gênero humano – a exemplo dos inolvidáveis vôos empreendidos pelo insigne Brigadeiro, nas asas do Correio Aéreo -, realiza uma decolagem, deslança um vôo de cruzeiro e, finalmente, vê chegado o momento da aterrissagem e o final de uma gloriosa jornada.

Deoclécio Lima de Siqueira, um notável cidadão brasileiro que, em todas as fases de sua vida, deu o melhor de si em benefício do país, do INCAER que tanto amou e de sua querida Força Aérea.

Esteja onde estiver Brigadeiro Deoclécio – insigne Patrono do INCAER -, receba os nossos agradecimentos pela prestimosa atenção e carinho dispensados à Aeronáutica brasileira. Que seus edificantes atributos morais e intensa dedicação à vida militar e ao País, ecoem por muito tempo em todas as instituições militares e em todos os rincões deste nosso amado Brasil.

Manuel Cambeses Júnior

Cel Av Rfm

Vice-Diretor do INCAER

FIM